

UMA NOVA FASE NAS RELAÇÕES ENTRE O JAPÃO E A AMÉRICA LATINA E O CARIBE

Margaret Myers e Mikio Kuwayama

Introdução

A aliança duradoura do Japão com a América Latina e o Caribe (LAC) e as décadas de compromisso com o desenvolvimento da região diferenciam o país de outras nações da Ásia Oriental. A experiência japonesa na região tem sido geralmente positiva e mutuamente benéfica, apesar da constante evolução e da influência de uma miríade de fatores, desde a imigração em grande escala a partir da era Meiji e a implementação de grandes projetos de promoção do crescimento das décadas de 1960 e 1970,

aos períodos de perturbação econômica em ambos os lados do Pacífico. A América Latina é uma fonte crítica de matérias-primas, produtos agrícolas, e produtos intermediários para o Japão, bem como um destino chave para a exportação de produtos japoneses. A cooperação e os investimentos diretos japoneses na América Latina vêm se diversificando progressivamente em setores tecnologicamente intensivos, facilitando a transferência de tecnologia, capacitação técnica e a geração de empregos, bem como vêm promovendo avanços cruciais na agroindústria do Brasil e do Chile e no desenvolvimento do setor de componentes automotivos do México.

Nestas circunstâncias, após os respectivos períodos de baixo crescimento da América Latina e do Japão, nas décadas de 1980 e 1990, o Japão embarca em uma nova fase em suas relações com a América Latina. Conforme pronunciamento do primeiro-ministro Shinzo Abe, em São Paulo, em 2014, o país visa uma cooperação econômica e política muito maior e mais intensa com a LAC, isto é, uma "vigorosa marcha avante" na região. Relações mais robustas serão cruciais para ambos, Japão e LAC, especialmente diante de um cenário global de crescimento lento que limitam as oportunidades comerciais outrora abundantes.

Relações mais robustas serão cruciais para ambos, Japão e LAC, especialmente diante de um cenário global de crescimento lento que limitam as oportunidades comerciais outrora abundantes.

Prefácio

O Diálogo Interamericano e a Associação Japonesa da América Latina e do Caribe (JALAC) têm a satisfação de publicar o relatório elaborado por Mikio Kuwayama, diretor e analista sênior do JALAC, e Margaret Myers, diretora do Programa da China e América Latina do Diálogo Interamericano. Kuwayama, um dos principais especialistas do Japão sobre a América Latina, foi chefe da Unidade do Comércio Internacional, da Divisão de Comércio Internacional e Integração da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (ECLAC). Myers, autoridade amplamente reconhecida acerca da evolução das relações da Ásia com a América Latina, trabalhou para o Governo dos Estados Unidos no Japão e na China.

As observações apresentadas no presente relatório são produtos do evento “Japan-LAC Relations: Then & Now”, realizado em Washington, DC, em setembro de 2015. O evento, organizado conjuntamente pelo Diálogo Interamericano e JALAC, reuniu representantes do setor público e privado para um debate abrangente sobre os desdobramentos das políticas externas e econômicas do Japão na América Latina.

Os autores traçam a aliança duradoura que tem sustentado décadas de turbulências políticas e econômicas, tanto no Japão quanto na América Latina e no Caribe (LAC). O relatório estabelece uma distinção do envolvimento do Japão com a América Latina com a de outras nações do Leste Asiático e manifesta grandes possibilidades

para um relacionamento mais robusto nos próximos anos. O estreitamento dos elos, certamente, reveste-se de importância crucial devido à desaceleração do crescimento em ambos os lados do Pacífico.

A JALAC foi fundada em 1958 como um fórum japonês, para o engajamento dos setores público e privado com a América Latina e o Caribe. Com sede em Tóquio, a organização inclui entre seus membros aproximadamente 100 empresas e organizações e 260 pessoas físicas.

Em sequência ao êxito da colaboração de setembro de 2015, o Diálogo Interamericano e a JALAC prosseguirão trabalhando conjuntamente visando promover o entendimento mútuo entre o Japão e a América Latina e o Caribe, através de seminários conjuntos, reuniões de mesa redonda, e publicações. O Diálogo Interamericano e a JALAC estão gratos à Mitsubishi Américas, NEC, Mayekawa, Banco of Tokyo-Mitsubishi, e Prudential pelo apoio prestado a este relatório.

MICHAEL SHIFTER

Presidente, Diálogo Interamericano

AKIRA KUDO

Diretor-Executivo, Secretário Geral, Associação Japonesa da América Latina e do Caribe

O relatório estabelece uma distinção do envolvimento do Japão com a América Latina com a de outras nações do Leste Asiático e manifesta grandes possibilidades para um relacionamento mais robusto nos próximos anos.

Relacionamento de longa data

Durante décadas, o Japão tem sido um importante parceiro comercial, financeiro, investidor e fornecedor de Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA) na LAC. Suas conexões com a região datam há aproximadamente 150 anos, quando as relações diplomáticas foram estabelecidas com o Peru, em 1873, e com o Brasil, em 1895. Em termos comparativos, a China estabeleceu relações formais com a região na década de 1960.

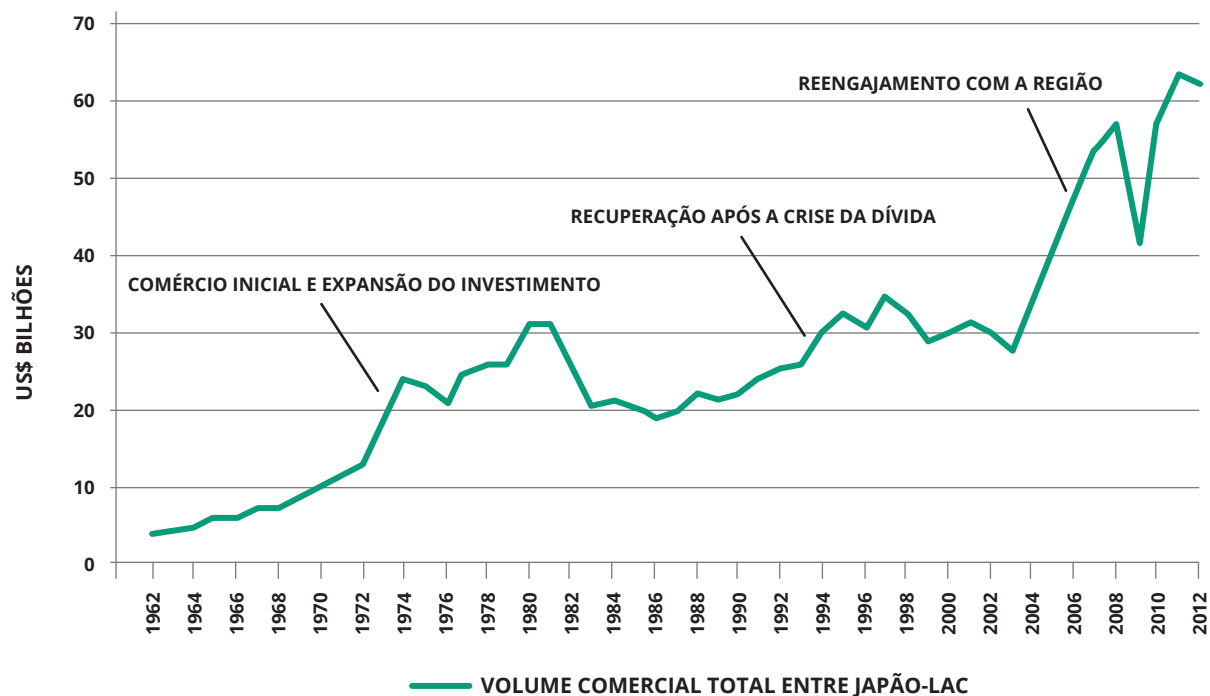
A abertura econômica inicial do Japão na região foi centrada extensivamente na aquisição de recursos e exportação de bens e produção. A efervescência da produção industrial após a segunda guerra mundial e a concomitante crescente demanda por energia, logística, e outros projetos de infraestrutura em larga escala, contribuíram para o crescimento médio da balança comercial entre as regiões Japão-LAC, de 15% a 20%, nas décadas de 1960 e 1970. A princípio, os investimentos japoneses na região tiveram, igualmente, foco inicial na aquisição de recursos visando sustentar a produção

industrial do Japão, incluindo os grandes projetos de mineração no Brasil e no Chile, nas décadas de 1950 e 1960, respectivamente.

Na década de 1970, os Investimentos Diretos Japoneses (IED japoneses) foram amplamente orientados para o setor manufatureiro, impulsionados pelo desenvolvimento industrial estratégico do Japão e pelas políticas de substituição de importações no Brasil e em outras nações Latino-Americanas.¹ Nesse período, as empresas japonesas asseguraram acesso ao mercado da região investindo maciçamente nas indústrias naval, têxtil, aço, e automotiva; em muitos casos, esses esforços foram apoiados por financiamentos do governo e outros incentivos.² A montadora de veículos Toyota e o estaleiro Ishikawajima Harima Indústrias Pesadas (IHI) lançaram operações no Brasil em 1955³ e 1958,⁴ respectivamente. As fabricantes de moto Yamaha e Honda, bem como as companhias japonesas do setor de eletrônicos tais como Sony, e outras, distinguem-se pela grande atuação na Zona Franca de Manaus, no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970.⁵ A Nissan Mexicana SA de CV está presente no México desde 1961. As indústrias menos competitivas do Japão com frequência transferiram as indústrias com uso intensivo de

FIGURA 1. COMÉRCIO TOTAL ENTRE JAPÃO E LAC, 1962-2012

Fonte: Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship, Inter-American Development Bank: Washington, DC, 2013. Com base em dados do UN Comtrade. Nota: Valor comercial real em dólares americanos de 2010.



Companhias mercantis como a Mitsubishi, Mitsui, Marubeni, C.Itoh e Sojitsu desempenham papel central como facilitadores na logística de commodities primários sul-americanos para o mercado asiático.

mão de obra para a América Latina, para posteriormente reexportarem os produtos intermediários ao Japão, objetivando o processamento final.⁶ A gigante de algodão japonesa Toyobo, por exemplo, estabeleceu a Toyobo do Brasil Indústria Têxtil Ltda em 1955, e a Kureha Boseki criou a Indústrias Unidas S.A. (IUSA) em El Salvador.⁷

As relações se arrefeceram um pouco na década de 1980, durante a crise da dívida Latino-Americana, e novamente

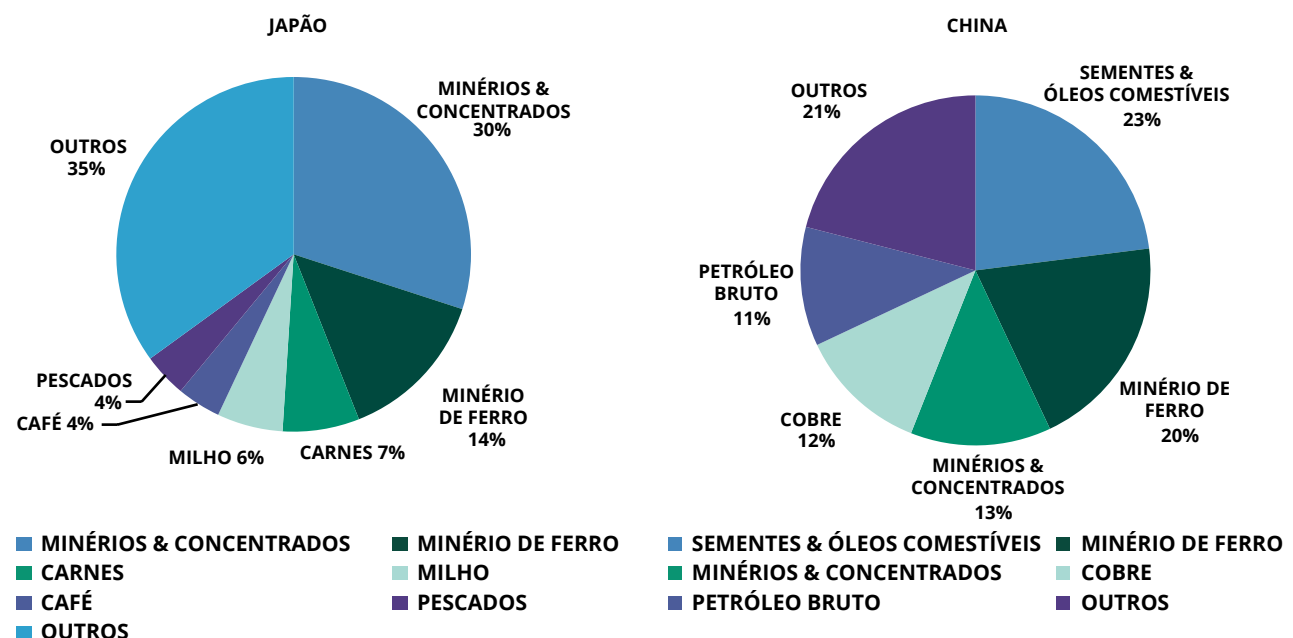
em 1990, durante a “década perdida” do próprio Japão. A interação Japão-LAC também estava circunscrita pela recessão e desafios políticos relacionados no início da década de 2000. Ainda assim, as empresas japonesas mantiveram presença significativa em vários países e setores da região LAC.

“Nova jornada” do Japão na LAC

Apesar da lacuna na relação Japão-LAC em 1980 e 1990, a região LAC reaparece na lista das prioridades econômicas e diplomáticas do Japão. Tendo em vista a promoção do modelo japonês de cooperação e governança econômica na região Ásia-Pacífico e globalmente, as nações Latino Americanas e do Caribe são consideradas parceiras políticas essenciais. A retomada rápida da América Latina durante a crise financeira mundial de 2008–2009, em consonância aos anos de crescimento econômico estável, expansão do mercado doméstico, e a significativa melhora dos níveis de emprego e dos indicadores de pobreza na década de 2000, tem atraído grande número de investidores japoneses.

FIGURA 2: EXPORTAÇÕES LATINO-AMERICANAS PARA O JAPÃO E A CHINA POR GRUPOS DE PRODUTOS, 2013 (%)

Fonte: Kuwayama, Mikio, “The Japan Model of Economic Engagemant: Opportunities for Latin America and the Caribbean”, elaboração do autor com base em dados do COMTRADE e outras fontes.



De acordo com o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento, as oportunidades apresentadas pelo crescimento chinês estimulam investimentos japoneses na região abundante de matérias primas. Companhias mercantis como a Mitsubishi, Mitsui, Marubeni, C.Itoh e Sojitsu desempenham papel central como facilitadores na logística de commodities primários sul-americanos para o mercado asiático.⁸

O Ministro das Relações Exteriores do Japão, Fumio Kishida, manifestou seu renovado interesse na região LAC, durante recente visita à região. Em 2013, na cidade do México, mencionou estar embarcando em uma nova jornada junto à região LAC, almejando uma melhora na cooperação visando a prosperidade mútua.⁹ A visita do Primeiro-Ministro Abe nos cinco países Latino-Americanos em julho e agosto de 2014, o primeiro em uma década por um Chefe de Estado, reforça ainda mais o foco na América Latina. Enquanto em São Paulo, o Primeiro Ministro delineou uma renovada agenda de política externa para a LAC. O pronunciamento com o tema “Juntos!! Buscando intrínseca aliança para a cooperação Japão-América Latina e o Caribe”, encorajou o Japão e a América Latina a juntas progredirem, liderarem e inspirarem-se, além de buscarem reforçar o relacionamento e cooperarem nos negócios

regionais e internacionais, desenvolvimento econômico e social, e intercâmbio cultural.”¹⁰

Um “modelo japonês”?

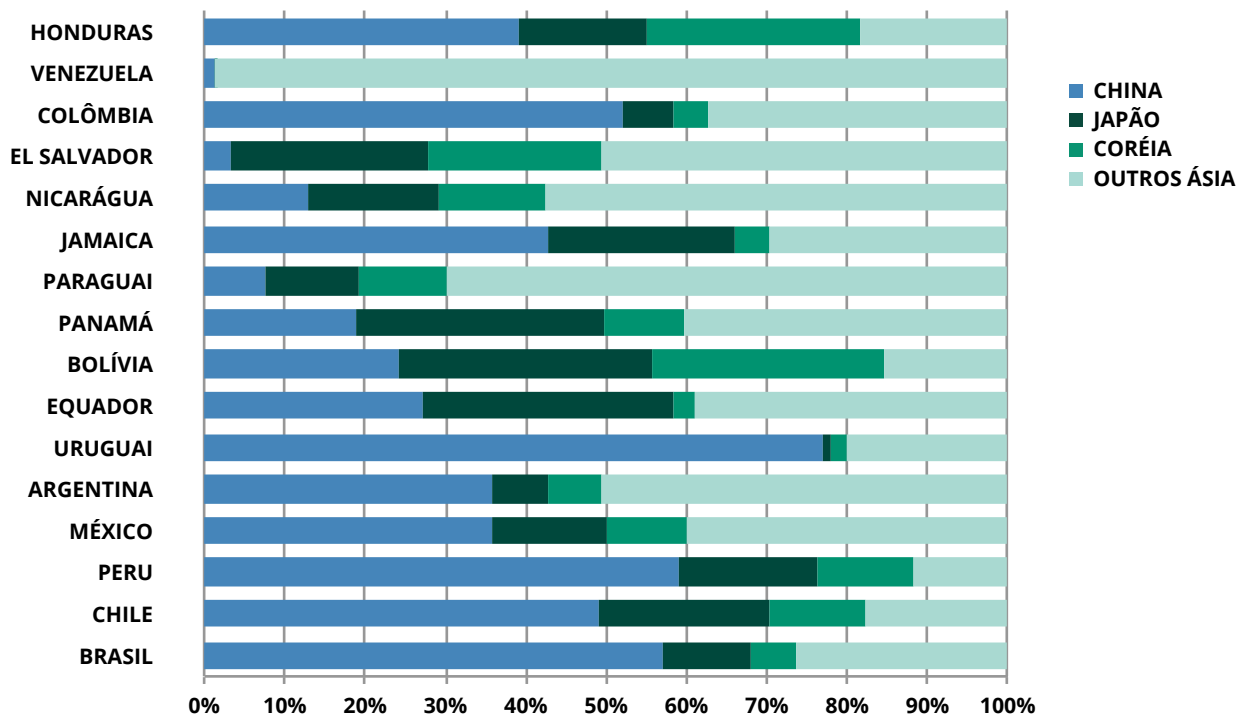
Há uma grande percepção entre o governo Japonês e especialistas de estudos regionais sobre a existência de um “Modelo Japonês”¹¹ de relacionamento com a América Latina e outros países em desenvolvimento. As atividades do Japão na América Latina se sobressaem em comparação ao de outras nações, sobretudo no tocante às seguintes disposições:¹²

1) O MODELO JAPONÊS DE NEGÓCIOS COM A LAC É SINGULAR

Os negócios do Leste Asiático com a América Latina geralmente são caracterizados pelo intercâmbio de commodities para manufatura e significativos déficits comerciais bilaterais para a maioria dos países da LAC.¹³ O comércio do Japão com a LAC não deixa de ser uma exceção. O México, Brasil e Chile são produtores latino-americanos de commodities que, juntos, contam com

FIGURA 3: DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES LATINO AMERICANAS PARA CHINA, JAPÃO E CORÉIA, 2011-2014 (%)

Fonte: Kuwayama, Mikio, “The Japan Model of Economic Engagemant: Opportunities for Latin America and the Caribbean”, elaboração do autor com base em dados do COMTRADE e outras fontes.



As empresas japonesas operando nos setores automobilístico e eletrônico da América Latina normalmente servem mercados domésticos e de terceiros, melhorando efetivamente a balança comercial e receitas de divisas estrangeiras da LAC.

aproximadamente 75% das exportações totais da região para o Japão, entre 2011 e 2014. Cobre, ferro, carnes, milho, café, alumínio, polpa de madeira, e petróleo contaram com 73% das exportações da LAC para o Japão em 2013. O comércio da China com a região está ligeiramente mais concentrado que a do Japão. Cinco grupos de produtos latino-americanos (soja e óleo, ferro, minério de cobre,

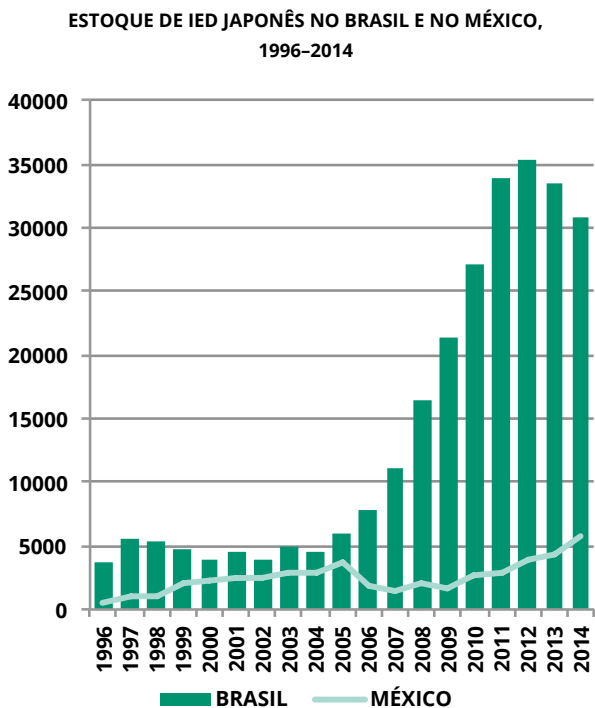
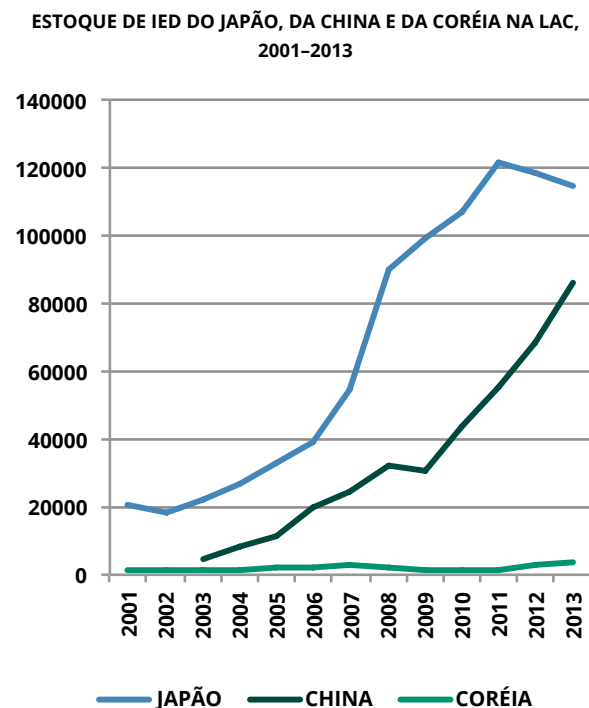
cobre refinado, e petróleo) contaram com mais de 77% das importações da China em 2013 (vide figura 2).

A escala de comércio diverge consideravelmente entre os parceiros do Leste Asiático com a LAC. Embora o Japão seja o destino principal das exportações do Equador, Bolívia e Paraguai na América do Sul, e El Salvador e Panamá, na América Central (vide figura 3), as atividades comerciais japonesas na LAC esmorecem em comparação ao efervescente comércio da China com a região. O comércio total da China com a LAC chegou a US\$ 254 bilhões, em 2014, em comparação com o comércio do Japão que foi de US\$ 64 bilhões. O comércio com a Coréia foi abaixo de US\$ 54 bilhões no mesmo período.¹⁴

Apesar do comércio da China com a região exceder em muito à do Japão, em geral, as exportações japonesas são menos ameaçadoras para a indústria manufatureira da região em relação aos produtos chineses. Considerando que a pauta das exportações japonesas consiste primordialmente de produtos high-tech e capital intensivo, as exportações japonesas raramente competem com os produtos latino-americanos, seja no mercado doméstico ou em mercados de terceiros países.

FIGURA 4: ESTOQUE DE IED JAPONÊS NA AMÉRICA LATINA, BRASIL, E NO MÉXICO (US\$ MILHÕES)

Fonte: Quadro A: Kuwayama, Mikio, "The Japan Model of Economic Engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean", elaboração do autor com base em dados do UNCTAD Bilateral FDI Statistics, Central Bank of Japan, China Statistical Yearbook, Korea FDI Statistics. Quadro B: Kuwayama, Mikio, "The Japan Model of Economic Engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean", elaboração do autor com base em dados do Central Bank of Japan e JETRO FDI Statistics.



Além disso, os investimentos japoneses em certos países da LAC servem para facilitar a exportação dos produtos manufaturados. As empresas japonesas operando nos setores automobilístico e eletrônico da América Latina normalmente servem mercados domésticos e de terceiros, melhorando efetivamente a balança comercial e receitas de divisas estrangeiras da LAC. Em 2013, as vendas totais das subsidiárias japonesas e coligadas operando na LAC alcançaram US\$ 142 bilhões. Mais de 53% (aproximadamente US\$ 75 bilhões) das vendas totais foram exportadas para terceiros mercados tais como Estados Unidos, União Européia, e Ásia Oriental, e 42% foram comercializadas no mercado doméstico da LAC. As exportações para o Japão totalizaram 5%.¹⁵

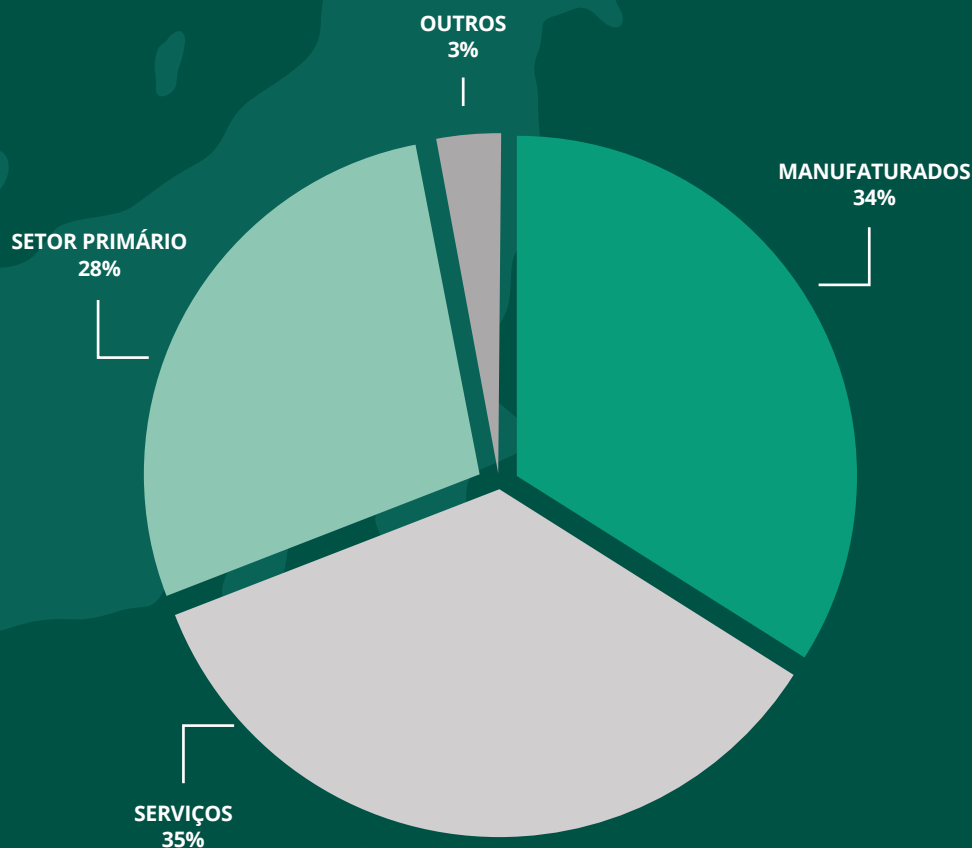
O relatório da empresa de consultoria PwC de 2015 conclui que as montadoras de veículos responderam por

aproximadamente 35% da produção de veículos mexicanos em 2014, dos quais 80% foram exportados para terceiros mercados.¹⁶ As importações chinesas, por outro lado, são consideradas concorrentes diretas dos produtos têxteis, aço, calçados, e outros produtos latino-americanos.¹⁷

Similarmente, a abordagem do Japão para a liberalização comercial na América Latina é singular. O Japão prefere negociar o Acordo de Cooperação Econômica (EPAs) ao invés dos tradicionais Acordos de Livre Comércio (FTAs). Os EPAs incorporam facilitação, cooperação, e provisão de investimentos, mantendo um amplo leque em comparação aos tradicionais FTAs. Por exemplo, diferentemente da maioria dos FTAs bilaterais, os EPAs instruem o estabelecimento de "comitês de ambiente de negócios" com os representantes dos setores públicos e privados assegurando a cooperação e os procedimentos

FIGURA 5: FLUXOS DE IED JAPONÊS NA AMÉRICA LATINA, 2012

Fonte: Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship, Inter-American Development Bank: Washington, DC, 2013. Com base em dados do Bank of Japan.



A América Latina e o Caribe tem sido a região prioritária da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), uma entidade de assistência estrangeira do Japão. Quando mensurados de forma agregada, a assistência do Japão à LAC supera a assistência à África.

equânimes. O Japão negociou seu segundo acordo bilateral com o México em 2005, após aquele país ter concluído as negociações do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). Subsequentemente, o Japão assinou os EPAs com o Chile, em 2007, e Peru, em 2012, e está em vias de concluir o acordo com a Colômbia. (O Japão iniciou as negociações com a Colômbia em 2012, todavia, diferenças nas pautas de tarifas tem protelado a finalização do Acordo).

2) O JAPÃO TEM UMA LONGO HISTÓRICO DE RELACIONAMENTO VISANDO A PROMOÇÃO DO CRESCIMENTO ECONÔMICO NA AMÉRICA LATINA.

As relações econômicas do Japão com a LAC caracterizam-se muito além da simples relação de troca de mercadorias e de matérias-primas. As companhias japonesas incontestavelmente distinguem-se dos parceiros do Leste Asiático pelos investimentos diretos japoneses (IED) na região. De 2010 a 2013, o fluxo anual de IED do Japão para América Latina atingiu uma média de US\$ 6,9 bilhões, comparados com o fluxo de IED da China de US\$ 10.7 bilhões.¹⁸ O número de empresas japonesas investindo na LAC têm ampliado consideravelmente, de 1.262 empresas, em 2006 para 2.087 empresas, em 2014.¹⁹ Na perspectiva do desenvolvimento regional, o estoque de IED japonês é o mais distintivo, amplo e crescente, totalizando aproximadamente US\$ 120 bilhões em 2013 (vide figura 4).

Em contraste com o IED da China na América Latina, os IEDs japoneses e coreanos na região têm se concentrado extensivamente em manufatura. A Coreia investe

aproximadamente 80% do seu IED na manufatura latino-americana.²⁰ O IED japonês na América Latina está distribuído razoavelmente entre os setores de manufatura, serviços e produtos primários, com cada setor recebendo aproximadamente 30% do fluxo total (vide figura 5).²¹ Os IEDs japoneses e coreanos também impactam no nível de emprego do setor industrial. Dos 250 mil postos criados pelas empresas japonesas na América Latina em 2013, muitos foram alocados no setor manufatureiro.²²

Igualmente, a América Latina tem sido a região prioritária da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), uma entidade de assistência estrangeira do Japão. Quando mensurados de forma agregada, a assistência do Japão à América Latina supera a assistência à África.²³ De 2009 a 2011, o Japão foi classificado como o maior doador estrangeiro para Antiga e Barbuda, Costa Rica, República Dominicana, Granada, Panamá, Santa Lúcia, e São Vicente. México, Brasil e Peru, que acolhem aproximadamente 100 mil cidadãos de descendência japonesa, também obtiveram varias subvenções e financiamentos da JICA recentemente. Isto posto, a assistência da JICA tem diminuído gradualmente à medida que os países Latino-Americanos alcançam o status de economias de rendimento médio.

Apesar de relativamente limitado em escala e em foco geográfico, a assistência do Japão para a região tende a ser mais abrangente que o da China. O ODA da China consiste quase que inteiramente em financiamentos concessionais, normalmente do Banco de Exportação e Importação da China (Eximbank da China para governos Latino-Americanos específicos).

Existem vários exemplos dos efeitos positivos do desenvolvimento do ODA Japonês. A assistência japonesa contribuiu no desenvolvimento do Cerrado brasileiro, numa mega região agrícola de alta produtividade de soja, milho, açúcar, algodão, arroz e outras culturas.²⁴ A transformação da região foi aclamada como “uma grande conquista da ciência agrícola do século XX.”²⁵ O projeto de Salmão do Chile e Japão, introduzido em 1969, apoiou o desenvolvimento da indústria do salmão no Chile, conduzindo o país para o segundo maior produtor mundial, no curso de 20 anos.²⁶ Mais recentemente, a JICA empenhou-se na diversificação da exportação e no desenvolvimento da promoção agroindustrial do Paraguai.²⁷ A JICA também apóia o desenvolvimento inclusivo dos países membros do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA).²⁸ Além disso, alicerçado nas Metas de Desenvolvimento Sustentável (SDGs)

A escala das operações do JBIC na América Latina é equivalente ao das maiores instituições multilaterais e dos bancos de investimentos chineses. Os financiamentos e as ações de investimento na região ultrapassaram os US\$ 10 bilhões no exercício de 2012, superando o apoio do Banco Mundial, de US\$ 6.6 bilhões no mesmo ano, e aproximando dos US\$ 11.4 bilhões comprometidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (IDB). Os empréstimos do Banco de Desenvolvimento da China (CDB) e Eximbank Chinês à América Latina, combinados, foram da ordem de US\$ 8 bilhões no exercício 2012. Os empréstimos dos bancos de investimentos chineses atingiram uma média de US\$ 11 bilhões por ano desde 2005, embora os financiamentos chineses em 2015 tenham alcançado quase US\$ 30 bilhões.

da América Latina, agências de subvenção bem como outras organizações do Japão estão empenhando-se para erradicar a extrema pobreza na região até o ano de 2030, através do crescimento de “qualidade”, em consonância com a Carta Japonesa de Cooperação ao Desenvolvimento, anunciado em fevereiro de 2015.

promovendo a aquisição de recursos naturais na América Latina através do financiamento às empresas estatais e privadas. O Banco de Desenvolvimento da China e o JBIC igualmente financiam apoiando fusões no exterior e aquisições em setores estratégicos como agricultura e energia.

Cerca de 1.8 milhões de descendentes de japoneses residem na América Latina e no Caribe, fruto da migração ao longo de um século, muitas vezes incentivados pela política de emigração japonesa. O valor dessas comunidades transcendem os elos econômicos.

Na última década, Tóquio emergiu como uma fonte de liderança de financiamento comercial tanto para o Brasil como para os membros da Aliança do Pacífico (México, Colômbia, Peru e Chile). A maioria dos recursos são provenientes do Banco de Cooperação Internacional do Japão (JBIC), que desfruta de amplos poderes para promover a exportação japonesa, mitigar riscos políticos às empresas operando no exterior, aperfeiçoar a competitividade das companhias japonesas, e estrategicamente assegurar recursos naturais essenciais.

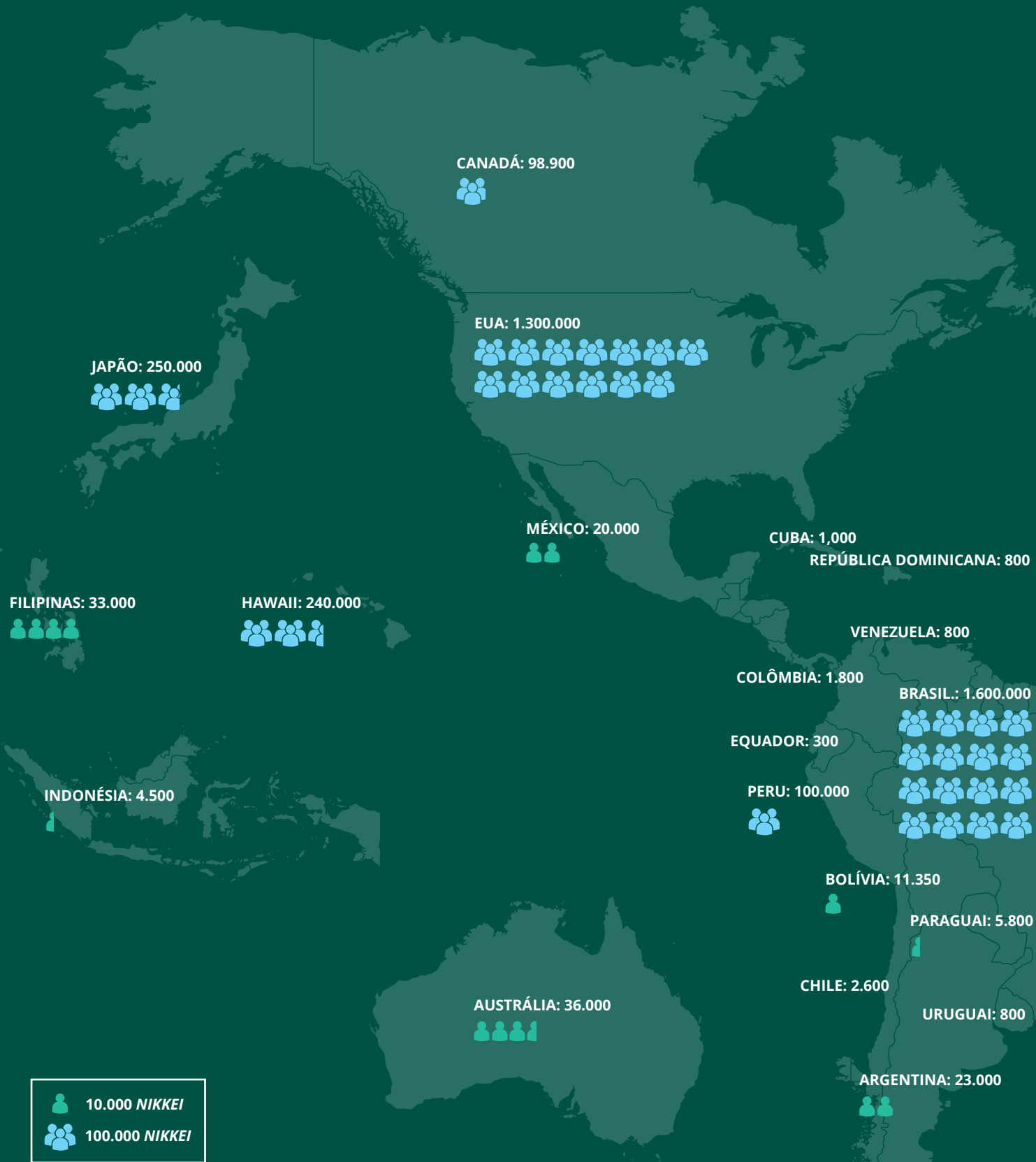
A escala das operações do JBIC na América Latina é equivalente ao das maiores instituições multilaterais e dos bancos de investimentos chineses. Os financiamentos e as ações de investimento na região ultrapassaram os US\$ 10 bilhões no exercício de 2012, superando o apoio do Banco Mundial, de US\$ 6.6 bilhões no mesmo ano, e aproximando dos US\$ 11.4 bilhões comprometidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Os empréstimos do Banco de Desenvolvimento da China (CDB) e Eximbank Chinês à América Latina, combinados, foram da ordem de US\$ 8 bilhões no exercício 2012. Os empréstimos dos bancos de investimentos chineses atingiram uma média de US\$ 11 bilhões por ano desde 2005, embora os financiamentos chineses em 2015 tenham alcançado quase US\$ 30 bilhões.²⁹

Os bancos de investimento da China e o JBIC são semelhantes em muitos aspectos. Ambos continuam

Todavia, os financiamentos japoneses (do JBIC e da JICA) focam mais extensivamente na promoção da pesquisa e desenvolvimento e na transferência de tecnologia em comparação aos financiamentos chineses. O JBIC está ativamente reduzindo seu foco na promoção da exportação. O percentual de participação do JBIC nos financiamentos para exportação tem diminuído firmemente, de 74% do total dos financiamentos externos para somente 3%, enquanto sua participação nos empréstimos de investimentos cresceu de 13% para 74% durante o mesmo período.³⁰ Desde a década de 1980, o Japão tem adotado uma abordagem de “três pilares” para promover o desenvolvimento na América Latina e em outras regiões.³¹ Essa estratégia potencializa a natureza interconectada e robusta entre comércio, investimentos e ODA. Por exemplo, o Japão tem sido o maior proponente da Ajuda ao Comércio (AFT), uma iniciativa da Organização Mundial do Comércio para facilitar o comércio e investimentos através da redução de obstáculos ao nível da oferta e aprimoramento da infraestrutura relacionada ao comércio. O Banco Interamericano de Desenvolvimento documenta a contribuição do AFT japonês na América Central, onde as subvenções beneficiaram a construção da infraestrutura física que impulsionou a circulação de mercadorias em todas as sub-regiões, bem como aperfeiçoaram as políticas e instituições que favoreceu a inserção dos países no sistema internacional.³² Entre 1990 e 2004, a assistência japonesa para a capacidade produtiva regional, desenvolvimento da infraestrutura,

FIGURA 6: NUMERO DE NIKKEIS POR PAÍS, 2014

Fonte: Associação dos Nikkeis e Japoneses no Exterior.



NÚMERO DE NIKKEYS NO MUNDO EM 2014: APROXIMADAMENTE 3.5 MI

e expansão do setor de serviços, representaram 47% das contribuições totais concedidas pelo Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (DAC) da OECD.³³ O Japão também se serve do ODA para promover parcerias com o setor privado nas diferentes áreas do comércio, finanças e tecnologia.³⁴

nikkeis no desenvolvimento de produtos agrícolas e de centros comerciais com o objetivo de reforçar a segurança alimentar do Japão. Os *nikkeis* foram, ainda, os beneficiários inaugurais dos trabalhos conduzidos pela JICA.

O Japão será a primeira nação do Leste Asiático a ter acordos de livre comércio com todos os quatro membros da Aliança do Pacífico.

3) A COMUNIDADE JAPONESA ULTRAMARINA CONTRIBUI PARA AS RELAÇÕES ENTRE AMÉRICA-LATINA E JAPÃO

Supõe-se que o Japão desfruta de notória vantagem em seus diálogos com certas nações latino-americanas devido ao alto índice populacional de *nikkeis*, especialmente no Brasil, Peru e México. O termo *nikkei* refere-se ao japonês que se estabelece permanentemente no exterior bem como aos seus descendentes. Cerca de 1.8 milhões de descendentes de japoneses residem na América Latina e no Caribe, fruto da migração ao longo de um século, muitas vezes incentivados pela política de emigração japonesa (ou pela política americana no caso da imigração de Okinawenses).³⁵ O Brasil é a pátria para 1.6 milhões de *nikkeis* e o Peru para cerca de 100 mil *nikkeys* (vide Figura 6). O ex-presidente peruano Alberto Fujimori e sua filha Keiko Fujimori, candidata líder na disputa presidencial do Peru em 2016, estão entre os *nikkeis* mais célebres da América Latina. No Brasil, a cineasta Tizuka Yamazaki e a artista plástica Tomie Ohtake atingiram, da mesma forma, proeminência internacional.³⁶

A rede de conexões dos *nikkeis* latino-americanos representa importante patrimônio econômico e político para o Japão. Desde as décadas de 1950 e 1960, Tóquio engendrou e geriu múltiplas instituições para o desenvolvimento, organização, e mobilização de recursos em apoio aos seus objetivos econômicos e políticos.³⁷ Por exemplo, a política japonesa orientou os agricultores

O valor dessas comunidades transcendem os elos econômicos. De acordo com Yasushi Takase, Diretor Geral da Divisão da América Latina e do Caribe, do Ministério das Relações Internacionais do Japão, as impressões positivas edificadas pelas comunidades japonesas são responsáveis, em parte, pela classificação altamente favorável do Japão na América Latina e em outras regiões.³⁸ Na pesquisa anual do serviço mundial da BBC em termos de popularidade dos países, que inclui dados da Argentina, Brasil, Chile, México, e Peru, o Japão geralmente figura entre os cinco países mais bem avaliados em termos de opiniões positivas. Embora essas impressões do Japão tenham se desgastado levemente em 2013 e 2014, o enfraquecimento na avaliação provém majoritariamente da região Ásia-Pacífico.³⁹

As novas gerações de *nikkeis* não estão estreitamente associadas com o Japão como seus progenitores e precursores. É provável que o Japão experimente resistências para mobilizar essa quarta e quinta geração que se identificam cada vez mais como brasileiros ou peruanos a japoneses. Ainda assim, essas comunidades representam ativos culturais e econômicos cruciais. Durante muito tempo os mesmos ancoraram as relações Japão-América Latina e poderão proporcionar uma plataforma para fomentar a integração econômica e política.⁴⁰ Como Mireya Solis, acadêmica da Brookings, defendeu durante a reunião sobre as relações Japão-América Latina, em setembro de 2015, a formulação da política do novo *nikkei* exige uma abordagem realista do que essas comunidades poderão alcançar para o Japão e vice-versa.

Diálogo Interamericano

Diretoria

Michael Shifter, Presidente

Ernesto Zedillo, Co-Presidente, México

Carla A. Hills, Co-Presidente, Estados Unidos

L. Enrique García, Co-Vice-Presidente, Bolívia

Thomas F. McLarty III, Co-Vice Presidente, Estados Unidos

David de Ferranti, Tesoureiro, Estados Unidos

Fernando Henrique Cardoso, Presidente Honorário, Brasil

Ricardo Lagos, Presidente Honorário, Chile

Enrique Iglesias, Vice-Presidente Honorário, Uruguai

Roberto Baquerizo, Equador

Alicia Bárcena, México

Laura Chinchilla, Costa Rica

Jessie J. Knight, Jr., Estados Unidos

Thomas J. Mackell, Jr., Estados Unidos

Brian O'Neill, Estados Unidos

Pierre Pettigrew, Canadá

Marta Lucía Ramírez, Colômbia

Arturo Sarukhan, México

Eduardo Stein, Guatemala

Roberto Teixeira da Costa, Brasil

Martín Torrijos, Panamá

Fortalecendo os laços do Japão com a América Latina e o Caribe

O Japão tem se mantido notavelmente firme no seu relacionamento com a América Latina e o Caribe. Não obstante recessões econômicas em ambos os lados do Pacífico e preocupantes contextos de insegurança em algumas nações latino-americanas, muitas empresas japonesas como a Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo, Nissan, além de outras, mantêm presença na América Latina. Por exemplo, a companhia lusa (subsidiária da Toyobo) e Insinca (subsidiária da Toray) permaneceram em El Salvador durante todo o período da guerra civil do país. A presidente do Brasil, Dilma Roussef, pronunciou sobre a tendência das empresas de estabelecerem raízes no seu país.⁴¹ O consistente comércio, investimento, finanças, e ODA do Japão, segundo consenso geral, têm sido importantes propulsores do desenvolvimento econômico na região.

Ao longo dos anos, o Japão se manteve centrado na abundância de commodities da região, no potencial de exportação para terceiros países, e nas oportunidades de mercados locais. É improvável que essa dinâmica se altere num futuro previsível. Entretanto, Japão encontra-se mais bem posicionado para promover o desenvolvimento da América Latina e do Caribe. As empresas e bancos japoneses não somente desfrutam de uma história de compromissos com a região, como vem centrando muita atenção aos déficits da capacidade produtiva e da infraestrutura da região, nas últimas décadas. O Japão tem um registro comprovado de transferência de tecnologia e atualização, formação de recursos humanos e gestão, bem como tem impulsionado o emprego e níveis de reservas cambiais em certos países da América Latina e do Caribe.

A JICA concentra-se em áreas essenciais como prevenção de desastres, proteção do meio ambiente, segurança humanitária, bem como na promoção do comércio e outros investimentos susceptíveis de promoção do crescimento.

Como constatado por vários participantes no evento do Diálogo Interamericano/Associação Japonesa da América Latina e do Caribe, em setembro de 2015, a América Latina se beneficiaria por uma maior diversificação da importação japonesa e de parceiros comerciais. Os EPAs do Japão facilitam os ajustamentos comerciais em países como o Peru, Chile e México, enquanto novas disposições para o comércio agrícola, alinhadas àquelas negociadas no Livre Comércio do Transpacífico (TPP), fortaleceriam os acordos existentes.

Outrossim, o Japão será a primeira nação do Leste Asiático a ter acordos de livre comércio com todos os quatro membros da Aliança do Pacífico. Isso proporcionará uma oportunidade única ao Japão para avançar na sua própria relação com a Aliança do Pacífico, e concomitantemente apoiar a integração do comércio interno dos membros do Acordo. Para esse fim, Tóquio poderia empregar o acúmulo regional das regras de origem (ROO) ou outras políticas que beneficiem as cadeias de fornecedores.⁴²

A impressionante presença da China na América Latina e no Caribe obscurecem os avanços do Japão nos anos recentes. No curso de duas décadas, a China ultrapassou não somente o Japão, mas os Estados Unidos como principal parceiro comercial em certas nações latino-americanas. O crescimento da China na América Latina beneficiou muitas economias da região enquanto representou novas oportunidades para empresas do comércio chinesas e internacionais. As *sogo soshas* japonesas, ou empresas comerciais japonesas, na realidade têm se beneficiado pela demanda chinesa de commodities latino americanas. Entretanto o crescimento desacelerado da China e seus efeitos nos preços das commodities desferiram um golpe para os maiores exportadores de matéria-prima da região. O efeito positivo do elo “assistência, comércio e investimento” do Japão será particularmente imprescindível para o desenvolvimento neste momento crítico. Similarmente, os Acordos de Cooperação Triangular que harmonizam o Japão com outros parceiros de desenvolvimento regionais ou internacionais, inclusive bancos chineses e outras instituições serão, da mesma forma, primordiais.

NOTAS FINAIS

1. Tsunekawa, K. "Japanese Investment in liberalizing Latin American economies: current pattern and possible impacts of FTA initiatives," *Revista de Economia Política*, Vol. 15, No 3 (59), Julho-Setembro, 1995.
2. Farrell, Roger. *Japanese Investment in the World Economy: A Study of Strategic Themes in the Internationalisation of Japanese Industry*, Northampton, MA: Edward Elgar, 2008.
3. Masterson, Daniel and Sayaka Funada-Classen. *The Japanese in Latin America*, Champaign, IL: University of Illinois Press, 2004.
4. Inoue, Marileia and Thais Leal. "Imigração Japonesa e engenharia naval: O papel e a importância da Ishikawajima do Brasil," *Maracanan*, No. 6, pp. 207-228, 2010.
5. Yamazaki, Katsuo. *Hybrid Factories in Latin America: Japanese Management Transferred*, UK: Palgrave Macmillan, 2013.
6. Farrell, Roger. *Japanese investment in the world economy: A Study of Strategic Themes in the Internationalisation of Japanese Industry*, Northampton, MA: Edward Elgar, 2008.
7. Toyobo website.
8. *Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship*, Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2013.
9. "Embarking on A New Voyage with Latin America and the Caribbean," pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores do Japão, Fumio Kishida, Abril de 2013, Cidade do México, disponível em: <http://www.mofa.go.jp/mofaj/files/000003983.pdf>.
10. Pronunciamento do Primeiro Ministro, Shinzō Abe, "Juntos!! Bringing infinite depth to Japan-Latin America and the Caribbean Cooperation," Ministério das Relações Exteriores do Japão, 2 de agosto de 2014, disponível em: http://www.mofa.go.jp/la_c/sa/br/page3e_000208.html.
11. Vide Kuwayama, Mikio, "The Japan model of economic engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean," elaborado para o evento do Diálogo Interamericano "Japan-Latin America Relations: Then & Now," Setembro de 2015. Veja igualmente Hosono, Akio, "Japan Model of Economic Partnership: Opportunities for Latin America" Disponível em: <http://latin-america.jp/wp-content/uploads/2015/12/Japan-Model-of-Economic-Relationship-for-Web-page1.pdf>.
12. Sgundo Dr. Akio Hosono, vice-presidente do JALAC e assessor especial do Centro de Pesquisa da JICA, "O Modelo Japonês de Parceria Econômica junto à América Latina e o Caribe" apresentam cinco características, conforme a seguir: 1) parceria de longo prazo, 2) alta prioridade no investimento em capital humano, 3) efeito substantivo dos investimentos em transferência de tecnologia e geração de empregos, 4) presença singular centrada no elo assistência oficial ao desenvolvimento-comércio-Investimento Externo Direto, e 5) abordagem do Japão no âmbito dos EPAs muito além dos tradicionais Acordos de Livre Comércio. Hosono sugere que o futuro das relações entre o Japão e a LAC serão reforçadas por atividades em conformidade com as cinco características do "Modelo Japonês," em consonância com as novas iniciativas a serem desenvolvidas nos próximos anos.
13. *Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship*, Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2013.
14. Mesquita Moreira, Mauricio e Antoni Esteveadeordal. *Korea and Latin America and the Caribbean: Striving for a Diverse and Dynamic Relationship*, Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2015.
15. Kuwayama, Mikio. "The Japan model of economic engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean," elaborado para o evento do Diálogo Interamericano "Japan-Latin America Relations: Then & Now," Setembro de 2015.
16. PricewaterhouseCoopers Co. Ltd., [chuunanbei toushi chijyo no doukou] "Tendências do investimento na América Latina"(em japonês), distribuído na conferência conjunta da PwC e JALAC, em Tóquio, Japão, Julho de 2015.
17. Powell, Dawn. "China-Brazil Economic Relations: Too Big to Fail?" em Carol Wise e Margaret Myers, eds., *The Political Economy of China-Latin America Relations*. Routledge, a ser publicado em 2016.
18. Kuwayama, Mikio. "The Japan model of economic engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean," elaborado para o evento do Diálogo Interamericano "Japan-Latin America Relations: Then & Now," Setembro de 2015.
19. Da apresentação do Diretor Geral Yasushi Takase durante o evento "Japan- Latin America Relations: Then & Now" realizado no Diálogo Interamericano em Setembro de 2015.
20. Mesquita Moreira, Mauricio e Antoni Esteveadeordal. *Korea and Latin America and the Caribbean: Striving for a Diverse and Dynamic Relationship*, Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2015.
21. "Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship," Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2013.

22. Kuwayama, Mikio. "The Japan model of economic engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean," elaborado para o evento do Diálogo Interamericano "Japan-Latin America Relations: Then & Now," Setembro de 2015.
23. *Relatório Anual da JICA 2014*. Tóquio, Japão, 2015.
24. Sakaguchi, Kota. "Japan-Brazil Partnership Program: A Framework for Triangular Cooperation," JICA, 2008, disponível em: https://jica-ri.jica.go.jp/publication/assets/Scaling%20Up%20South-South%20and%20Triangular%20Cooperation_PartII-Case8_JICA-RI.pdf.
25. "Scientists are making Brazil's savannah bloom," Food and Agricultural Organization Plant Breeding Newsletter, October 2007, disponível em: <http://www.fao.org/ag/agp/agpc/doc/services/pbn/pbn-183.htm#a112>; Hosono, Akio, Carlos Magno Campos da Rocha, and Yutaka Hongo, eds., *Development for Sustainable Agriculture: The Brazilian Cerrado*. Palgrave Macmillan, Dezembro de 2015.
26. Hosono, Akio, Michiko Iizuka, and Jorge Katz, eds., *Chile's Salmon Industry: Policy Challenges in Managing Public Goods*. Berlin: Springer, 2016.
27. Kuwayama, Mikio. "The Japan model of economic engagement: Opportunities for Latin America and the Caribbean," elaborado para o evento realizado no Diálogo Interamericano "Japan-Latin America Relations: Then & Now," em setembro de 2015; *Study on Inclusive Development in Paraguay: International Cooperation Experiences*, Santiago and Tokyo: ECLAC/JICA, Março de 2014.
28. *Desarrollo Inclusivo en Centroamerica y la Republica Dominicana: Logros y Desafíos para el Próximo Decenio*. San Salvador/Tokyo: SICA/JICA, 2016.
29. Gallagher, Kevin P. e Margaret Myers. "China-Latin America Finance Database," Washington, DC: Inter-American Dialogue, Janeiro de 2014.
30. Relatórios anuais diversos do JBIC.
31. Hosono, Akio. "Catalyzing Transformation for Inclusive Growth," Kato, Hiroshi, John Page, and Yasutami Shimomura, eds., *Japan's Development Assistance: Foreign Aid and the Post-2015 Agenda*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
32. "Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship," Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2013; *Desarrollo Inclusivo en Centroamerica y la República Dominicana: Logros y Desafíos para el Próximo Decenio*. San Salvador/Tokyo: SICA/JICA, 2016.
33. OECD (Organization of Economic Cooperation and Development), *Aid for Trade at a glance 2007: Chapter Japan*, Paris, 2007.
34. Atualmente, as atividades da JICA na LAC priorizam os seguintes aspectos e atividades: 1) melhoria da infraestrutura econômica visando se esquivar da armadilha da "classe média"; 2) medidas de combate às mudanças climáticas; 3) energia renovável, proteção e melhoria ambiental e prevenção de catástrofes; e 4) mitigação das disparidades sócio-econômicas sob a perspectiva da segurança humana. CORE (Co-financiamento para Energias Renováveis e Eficiência Energética), projetos de geração geotérmica e hidroelétrica, bem como projetos de energias renováveis e de conservação de energia na América Central e no Caribe, em parceria com o BID são alguns dos exemplos. Vide *JICA Annual Report 2014*, Tóquio, Japão, 2015.
35. Endoh, Toake. *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Champaign, IL: University of Illinois Press, 2009.
36. Masterson, Daniel and Sayaka Funada-Classen. *The Japanese in Latin America*, Champaign, IL: University of Illinois Press, 2014.
37. Endoh, Toake. *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Champaign, IL: University of Illinois Press, 2009.
38. Recomendação feita durante o evento do Diálogo Interamericano intitulado "Japan-Latin America Relations: Then & Now," Setembro de 2015.
39. "Negative Views of Russia on the Rise: Global Poll," BBC News Service, June 2014, disponível em: <http://downloads.bbc.co.uk/mediacentre/country-rating-poll.pdf>.
40. "Japan and Latin America and the Caribbean: Building a Sustainable Trans-Pacific Relationship," Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2013.
41. "Embarking on A New Voyage with Latin America and the Caribbean," pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores do Japão, Fumio Kishida," Abril de 2013, Cidade do México, disponível em: <http://www.mofa.go.jp/mofaj/files/000003983.pdf>.
42. Recomendação feita por Mireya Solís durante o evento "Japan- Latin America Relations: Then & Now" no Diálogo Interamericano, Setembro de 2015.